



KnoWhy #126

Junho 3, 2017

Qual é a natureza e o uso das carruagens no Livro de Mórmon?

"Ora, o rei havia ordenado a seus servos, antes da hora de dar de beber aos rebanhos, que lhe preparassem os cavalos e carros para conduzi-los à terra de Néfi"

Alma 18:9

O conhecimento

Na mente da maioria das pessoas hoje, a palavra carro, como usada no Livro de Mórmon, evoca imagens de carruagens puxadas por cavalos e talvez de guerra. No Livro de Mórmon, no entanto, os carros nunca são realmente mencionados dessa maneira. Examinando as referências a citações do Velho Mundo, há apenas três ocasiões em que os carros são mencionados no Livro de Mórmon:

- Alma 18:9-12: Amon "prepar[ou] os cavalos e os carros" (v. 12), segundo a ordem do rei Lamôni de que seus servos "preparassem os cavalos e carros para conduzi-los à terra de Néfi" para que ele pudesse participar de "uma grande festa" organizada por seu pai, o rei soberano (ou Halach Uinic em maia).
- Alma 20:4-7: Lamôni fez novamente com que seus servos "aprontassem seus cavalos e seus carros" (v. 6), desta vez para que ele pudesse visitar um aliado político e "agrad[á-lo]" para libertar os irmãos de Amon (v. 4).
- 3 Néfi 3:22: Os carros são incluídos como parte de uma lista de gado e provisões tomadas

pelos nefitas quando deixaram Zarahemla e se retiraram por sete anos para um local mais seguro como uma tática defensiva contra os ladrões de Gadianton.

Essas poucas referências ocorrem num pequeno período a partir de ca. 90 a.C. - 16 d.C., sugerindo que, em geral, os carros não eram ampla ou frequentemente usados entre os povos do Livro de Mórmon. Apenas dois deles estão em um contexto definível: em ambas as ocasiões, quando Lamôni pede que seus carros estejam preparados, "a ocasião é uma visita oficial do estado". Embora "cavalos" sejam mencionados com carros, os carros nunca são explicitamente



puxados por cavalos ou qualquer outro animal. Devido ao uso e referência limitados, é difícil ter certeza sobre a natureza dos carros no Livro de Mórmon. Os veículos de rodas, como os carros geralmente deveriam ser, até agora não foram testemunhados em nenhum lugar da América pré-colombiana. No entanto, no final do século XIX, o arqueólogo pioneiro, Désiré Charnay, relatou ter encontrado o que chamou de "carros" ("chariots" em inglês) no centro do México. O que Charnay encontrou foram figuras com rodas ou "brinquedos", nada no que realmente pudesse ser montado. Cerca de 100 dessas figuras são conhecidas, em grande parte datando de 600 -1250 d.C.



Um estudo cuidadoso dessas figuras "demonstra que pelo menos alguns mesoamericanos entenderam não apenas o conceito de roda, mas também o conceito de veículos com rodas reais". De acordo com um par de meso americanistas, não pertencentes à Igreja de Jesus Cristo, esses números demonstram que "o princípio de usar rodas para facilitar o movimento horizontal era familiar em pelo menos alguns povos da Mesoamérica pré-colombiana". No antigo Oriente Próximo, sabe-se que estatuetas semelhantes "imitavam carroças em grande escala", sugerindo, talvez, que o mesmo seja verdade na Mesoamérica.

Alternativamente, o uso não convencional da palavra "carro" por Charnay, convida a outras possibilidades. A rara palavra hebraica *afiryon*, que significa liteira, palanquim ou cadeira de sedã, é traduzida como "carruagem" na Versão King James (KJV) em Cantares de Salomão 3:9. Este era um veículo sem rodas em que uma pessoa era carregada por servos. Apenas essas liteiras ou palanquins eram conhecidos entre os mesoamericanos pré-colombianos. "Os reis maias eram carregados em liteiras, muitas vezes, feitos de juncos simples e carregados por apenas dois carregadores". John L. Sorenson observou: "Esta forma de transporte era reservada para a nobreza e outros níveis sociais mais elevados".

Essas liteiras eram usadas para procissões reais quando nobres ou dignitários faziam uma visita política. Por exemplo, em 1542, após a conquista espanhola da região maia, "uma multidão de guerreiros escoltando um jovem maia sentado em um palanquim" se aproximou de alguns sentinelas espanhóis, "fez sinais de que ele havia vindo em paz" e que ele havia trazido comida no que aparentemente era uma visita diplomática.¹

Um vaso maia clássico que descreve o sacrifício de prisioneiros de guerra mostra um "dignitário visitante" que foi "trazido ao evento em uma liteira". A descrição mais antiga conhecida de uma liteira mesoamericana é a estela 21 de Izapa, datada de ca. 300-50 a.C.

Com uma liteira, os servos ou portadores "conduzirem-no [ao rei] à terra de Néfi" (Alma 18:9) em uma procissão real. Embora nenhum cavalo ou animal de tração fosse usado para puxar ou carregar a liteira, um animal era comumente retratado viajando próximo à ela, como parte da procissão. Por exemplo, o pesquisador da cultura mesoamericana, membro da Igreja, Mark Wright, apontou que vários vasos maias clássicos retratam um cachorro sob uma liteira viajando como parte da comitiva. Gardner apontou que, em cenas de guerra, o rei em sua liteira é acompanhado por uma feroz "besta de batalha", normalmente pensando em representar o alter ego do espírito animal do rei. A pintura de Tikal, no entanto, registra o que as testemunhas realmente veem durante o ritual, sugerindo que as feras eram mais do que apenas imaginação, e que acompanhavam o rei em procissões rituais, bem como em tempos de guerra.

Ver Gardner, *Traditions of the Fathers*, 295–297; Gardner, *Second Witness*, 288–289.

Brant A. Gardner propôs assim: "O transporte plausível subjacente à história de Amon era uma liteira real, em tempo de paz, acompanhado pelo animal espiritual associado ao rei". Em outras palavras, Amon teria preparado "cavalos" para viajar com o rei, enquanto os servos o "conduzir[iam] à terra de Néfi" (Alma 18:9) em sua liteira.

O porquê



Representação de uma procissão asteca em uma liteira. Imagem via myhistro.com.

Nem sempre há respostas definitivas para as perguntas que alguns podem ter sobre o Livro de Mórmon. Esses quebra-cabeças não resolvidos convidam à fé e ao aprendizado adicional se abordados com paciência, leitura cuidadosa e mente aberta. Tal como acontece com o aparecimento da palavra "cavalo" no texto, há oportunidades para aprender, explorar, admirar e crescer na fé.

O estado atual do conhecimento arqueológico é limitado, e deve-se ter cautela ao avaliar evidências negativas. O arqueólogo mesoamericano, membro da Igreja, John E. Clark explicou uma vez: "Evidências positivas e negativas não contam para a mesma coisa", porque, "com os meios atuais de verificação, os elementos positivos estão aqui para ficar, mas os elementos negativos podem ser positivos escondidos". Várias das coisas mencionadas no Livro de Mórmon, uma vez consideradas desaparecidas, provaram estar no lugar certo na hora certa desde o início. "É sob essa luz", concluiu Clark, "que devemos considerar muitos argumentos contra o Livro de Mórmon".

Atualmente, a arqueologia mostra que alguns povos da Mesoamérica pré-colombiana entenderam os princípios conceituais por trás dos veículos com rodas, embora não haja evidências de que eles tenham sido realmente colocados em prática. No entanto,

durante um período de 600 anos (aprox. 600 - 1250 d.C.), é provável que pelo menos alguma tentativa, embora limitada e de curta duração, tenha sido feita para colocar a roda em uso prático.



Talvez o breve período (os primeiros séculos a.C. e d.C.) em que os carros são mencionados no Livro de Mórmon representa uma tentativa limitada e de curta duração, embora em um momento muito anterior à evidência atual de figuras com rodas. Então os nefitas e lamanitas abandonaram a tecnologia porque não tinham vantagens práticas. Uma breve tentativa de utilização da roda rapidamente abandonada seria muito difícil de encontrar no registro arqueológico.

Explorar as possibilidades dos carros também reforça a importância de ler as escrituras com a mente aberta. É preciso humildade e maturidade para se afastar de suposições antigas e de longa data e ler o texto das escrituras de uma nova perspectiva. No entanto, ler enquanto explora questões em um contexto histórico pode fornecer clareza e compreensão às passagens do Livro de Mórmon. Como Charnay e a tradução Versão King James de aferyon demonstram, "carros" ou "carruagens" podem ter um significado mais amplo do que o que normalmente vem à mente. Esse uso pode incluir veículos sem rodas, como liteiras, usadas em toda a Mesoamérica desde os tempos do Livro de Mórmon.

Embora isso mostre uma imagem muito diferente do que a maioria dos leitores espera, o uso convencional de liteiras na Mesoamérica é consistente com o uso de carruagens no Livro de Mórmon. Além disso, se Amon esperava ser um dos portadores da liteira do rei Lamôni, para ser "conduzi[do] à terra de Néfi" em seus ombros (Alma 18:9), tal situação acrescenta

outro nível de humildade a esse grande missionário. Ele estava literalmente disposto a apoiar e liderar aqueles a quem fora chamado a servir.

Leitura complementar

Livro de Mórmon, ver o artigo da Central do livro de Mórmon, "Por que cavalos são mencionados no Livro de Mórmon? (Enos 1:21)", KnoWhy 75 (5 de abril de 2017).

Daniel Johnson, "'Hard' Evidence of Ancient American Horses", *BYU Studies Quarterly* 54, no. 3 (2015): pp. 149–179. 154–157.

Brant A. Gardner, *Traditions of the Fathers: The Book of Mormon as History* (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2015), pp. 289–297.

John L. Sorenson, *Mormon's Codex: An Ancient American Book* (Salt Lake City and Provo, UT: Deseret Book and Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship, 2013), pp. 350–361.

© Central do Livro de Mórmon, 2017



Notas de rodapé

1. Brant A. Gardner, *Traditions of the Fathers: The Book of Mormon as History* (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2015), p. 294: "Chariots Never Appear in the Context of War in the Book of Mormon".
2. 2 Néfi 12:7, declarando que "seus carros não têm fim", é uma citação de Isaías 2:7; 3 Néfi 21:14 é uma citação de Miquéias 5:10.
3. "Halach Uinic" é o termo que os estudiosos usam para os reis da Mesoamérica que governam reis subordinados. Ver Simon Martin e Nikolai Grube, *Chronicle of the Maya Kings and Queens*, 2ª edição (Londres, Eng.: Thames e Hudson, 2008), pp. 20–21. Essa noção será discutida em grande detalhe no KnoWhy 128.
4. No KnoWhy 131, a conotação política da palavra "amigo" será discutida.
5. Brant A. Gardner, *Second Witness: Analytical & Contextual Commentary on the Book of Mormon*, 6 v. (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2007), 4: p. 286, sugere que os carros "parecem ser algo reservado para [...] ocasiões especiais".
6. Gardner, *Second Witness*, 4: p. 286.
7. Ver John L. Sorenson, *Mormon's Codex: An Ancient American Book* (Salt Lake City and Provo, UT: Deseret Book and Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship, 2013), p. 350. Gardner, *Traditions of the Fathers*, p. 294 também aponta e acrescenta o detalhe de que William Henry Holmes, arqueólogo e antropólogo da Smithsonian Institution no início do século XX, também usou o termo "carros".)
- 8.
9. Sorenson, *Mormon's Codex*, p. 351. Richard A. Diehl e Margaret D. Mandeville, "Tula and Wheeled Animal Effigies in Mesoamerica", *Antiquity* 61, no. 232 (julho de 1987): p. 239 afirma que havia entre 60-70 conhecidos por S.H. Boggs em 1973, e eles relataram que encontraram 79 fragmentos de pelo menos 27, provavelmente mais, em Tula (p. 241). Assim, o total deve estar pelo menos entre 87–97, aproximando-se de 100, não incluindo quaisquer exemplos adicionais que tenham sido encontrados desde 1987.
10. Diehl e Mandeville, "Tula and Wheeled Animal Effigies", p. 240–241. John L. Sorenson, *Images of Ancient America: Visualizing Book of Mormon Life* (Provo, UT: FARMS, 1998), p. 59 relatou:

"Espécimes mexicanos datam do primeiro século d.C.", no entanto, Diehl e Mandeville explicaram que alguns podem ser anteriores a 600 d.C. nenhum pode ser datado para este período com certeza.

11. Sorenson, *Mormon's Codex*, p. 352. Sorenson afirmou semelhantemente: "Os mesoamericanos conceituaram o uso da roda em benefício de sua capacidade tecnológica de tirar proveito prático de sua ideia" (pp. 354–355). Para a discussão completa de Sorenson sobre os dados da roda na Mesoamérica, ver pp. 350-356.
12. Diehl e Mandeville, "Tula and Wheeled Animal Effigies", p. 239.
13. Sorenson, *Mormon's Codex*, p. 351.
14. Sorenson, *Images of Ancient America*, p. 59: "A interpretação usual desses objetos por estudiosos mesoamericanos é que, embora os povos pré-históricos conhecessem obviamente o princípio da roda, por razões desconhecidas eles nunca traduziram a ideia em veículos práticos. Mesmo esses mesmos estudiosos celebram a inventividade dos primeiros americanos. Eles estariam familiarizados com essas miniaturas por pelo menos 150 anos sem tentar fazer um veículo prático?" 1.500 anos é uma superestimativa, dado que as estatuetas de rodas só podem ser datadas com segurança para o pós-clássico (ca. 900–1540 d.C.) e talvez até o período Clássico Tardio (600 d.C.), e o mais tardar em 1250 d.C. Ainda assim, Sorenson cria um ponto valioso. Parece improvável que uma cultura que entendeu claramente a roda do veículo no nível conceitual por aproximadamente 600 anos, pelo menos nunca tenha tentado usar veículos com rodas mais práticos. Esse tipo de argumento também é feito em Daniel Johnson, "'Hard' Evidence of Ancient American Horses", *BYU Studies Quarterly* 54, no. 3 (2015): pp. 154–157.
15. Ludwig Koehler and Walter Baumgartner, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, 2 v. (Leiden e Boston: Brill, 2001), 1: p. 80.
16. Mary Miller e Karl Taube, *An Illustrated Dictionary of the Gods and Symbols of Ancient Mexico and the Maya* (London, Eng.: Thames e Hudson, 1993), p. 107.
17. Sorenson, *Images of Ancient America*, p. 58.
18. Robert J. Sharer e Loa P. Traxler, *The Ancient Maya*, 6ª edição (Stanford, CA: Stanford University Press, 2006), p. 771.
19. Dore Reents-Budet, *Painting the Maya Universe: Royal Ceramics of the Classic Period* (Durham, NC: Duke University Press and Duke University Art Museum, 1994), p. 262. O vaso em questão é o K767 em <https://research.mayavase.com/kermaya.html>.
20. Ver. Garth Norman, *Izapa Sculpture, Part 1: Album*, NWA Papers, no. 30 (Provo, UT: New World Archaeological Foundation, Brigham Young University, 1973), plates 33–34; V. Garth Norman, *Izapa Sculpture, Part 2: Text*, NWA Paper, no. 30 (Provo, UT: New World Archaeological Foundation, Brigham Young University, 1976), pp. 122–127. Para datar os monumentos de Izapan, Norman, *Izapa Sculpture, Parte 1*, 1 os data entre 300 a.C. – 250 d.C. No entanto, as escavadeiras argumentam que estes provavelmente datam do início deste período, mais provavelmente ca. 300 – 50 a.C., com alguma possibilidade de datar do final de 100 d.C. Ver Gareth W. Lowe, Thomas A. Lee Jr., and Eduardo Martinez Espinoza, *Izapa: An Introduction to the Ruins and Monuments*, NWA Papers, no. 31 (Provo, UT: New World Archaeological Foundation, Brigham Young University, 1982), p. 23.
21. Os comentários de Mark Wright são encontrados em James Stutz, "Mesoamerican Art & the 'Horse' Controversy", at *Lehi's Library*, 16 de abril de 2008, disponível em <https://lehislibrary.wordpress.com/2008/04/16/65/>. Os vasos representando cães viajando com uma ninhada são K594, K5534 e K6317 em <https://research.mayavase.com/kermaya.html>.
- 22.
23. Gardner, *Traditions of the Fathers*, p. 297.
24. Sobre "cavalos" no Livro de Mórmon, ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, "Por que cavalos são mencionados no Livro de Mórmon? (Enos 1:21)", KnoWhy 75 (5 de abril de 2017).
25. Mark Alan Wright, "The Cultural Tapestry of Mesoamerica", *Journal of the Book of Mormon and Other Restoration Scripture* 22, no. 2 (2013): p. 6: "Literalmente milhares de sítios arqueológicos ocorrem na paisagem mesoamericana, a grande maioria dos quais não sabemos praticamente nada, além de suas localizações. Só na área maia existem aproximadamente seis mil sítios conhecidos, dos quais pouco menos de cinquenta foram submetidos a escavações arqueológicas sistemáticas [...] Arqueólogos estimam que menos de 1% das antigas ruínas mesoamericanas foram descobertas e estudadas, o que significa que ainda há muito a aprender".

26. John E. Clark, "Archaeological Trends and the Book of Mormon Origins", em *The Worlds of Joseph Smith: A Bicentennial Conference at the Library of Congress*, ed. John W. Welch (Provo, UT: BYU Press, 2006), p. 94.
27. Ver o artigo da Central do livro de Mórmon, "Como a cevada do Livro de Mórmon pode alimentar a fé? (Mosias 9:9)", KnoWhy 87 (19 de abril de 2017); Central do livro de Mórmon, "Os antigos israelitas escreviam em egípcio? (1 Néfi 1:2)", KnoWhy 4 (28 de dezembro de 2016). Para vários exemplos, ver Matthew Roper, "Howlers Index", em *Ether's Cave*, (acessado em 24 de maio de 2016). Ver também Kevin Christensen, "Hindsight on a Book of Mormon Historicity Critique", *FARMS Review* 22, no. 2 (2010): pp. 155–194; Clark, "Archaeological Trends", pp. 93–95.
28. Clark, "Archaeological Trends", p. 95.
29. Estudiosos, há muito tempo, notaram que a topografia da Mesoamérica e a falta generalizada de animais de tração neutralizaram os avanços que a roda oferecia em outros ambientes antigos. Ver Diehl e Mandeville, "Tula and Wheeled Animal Effigies", pp. 244–245. Ver também Sorenson, *Mormon's Codex*, pp. 354–356. Essas mesmas razões explicariam por que qualquer conhecimento da roda que os leítas trouxeram com eles parecia ter desaparecido rapidamente.